



08

Revista do Programa
de Pós-Graduação em
Artes Visuais UFPE-UFPA

Dezembro - 2020
ISSN - 2316-9311

Acesse
nosso Podcast





**Revista do Programa de Pós-graduação
em Artes Visuais UFPE-UFPB**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

REITOR

Alfredo Macedo Gomes

VICE-REITOR

Moacyr Cunha de Araújo Filho

PRÓ-REITOR PARA ASSUNTOS DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Carol Virgínia Góis Leandro

DIRETOR DO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

Murilo Artur Araújo da Silveira

VICE-DIRETOR DO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

Luiz Francisco Lacerda

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE TEORIA DA ARTE E EXPRESSÃO ARTÍSTICA

Igor de Almeida Silveira

SUBCHEFE DO DEPARTAMENTO DE TEORIA DA ARTE E EXPRESSÃO ARTÍSTICA

Luciana Borre Nunes

COORDENADOR DO PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS (UFPB)

Robson Xavier da Costa

VICE-COORDENADOR DO PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS (UFPB)

Alberto Ricardo Pessoa

COORDENADORA DO PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS (UFPE)

Maria das Vitorias Negreiros do Amaral

VICE-COORDENADORA DO PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS (UFPE)

Fabiana Souto Lima Vidal

DIRETOR GERAL DO CLEA - URUGUAI

Salomon Azar

REVISTA CARTEMA

ISSN: 2316-9311



EDITORAS

Madalena Zaccara, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil.

Maria das Vitórias Negreiros do Amaral, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil.

Maria Emilia Sardelich, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil.

CONSELHO CIENTÍFICO NACIONAL

Ana Mae Barbosa, Anhembi Morumbi, Brasil.

Arão Nogueira Paranaguá de Santana, UFMA, Brasil.

Everardo Araújo Ramos, UFRN, Brasil.

Fábio Rodrigues, URCA, Brasil.

Helena Tania Kats, PUC-SP, Brasil.

Irene Tourinho, UFG, Brasil.

José Afonso Medeiros Souza, UFPA, Brasil.

Leda Guimarães, UFG, Brasil.

Luís Alberto Ribeiro Freire, UFBA, Brasil.

Lívia Marques Carvalho, UFPB, Brasil.

Lúcia Pimentel, UFMG, Brasil.

Maria Virgínia Gordilho, UFBA, Brasil.

Rejane Coutinho, UNESP, Brasil.

CONSELHO CIENTÍFICO INTERNACIONAL

José Carlos de Paiva, Universidade do Porto, Portugal.

Maria Amparo Alonso Sanz, Universitat de València, Espanha.

Marian Cao, Universidad Complutense de Madrid, Espanha.

Marie Christiane Mathieu, Université. Laval, Québec, Canadá.

Olga Lucia Olaya Parra, Fundación Centro Internacional de Educación Y Desarrollo Humano, Colombia.

Patricia Alejandra Raquimán Ortega, Pontificia Universidad Católica, Chile.

Ramón Cabrera, Universidad de las Artes, Cuba.

Ricard Huerta, Universitat de València, Espanha.

COLABORADORES

Andrea Sobreira Oliveira UFPE, Brasil

Brenda Gomes Bazante UFPE, Brasil

Rosalvo Oliveira Filho, UFPE, Brasil

CRÉDITOS

Revisão: os autores

Imagem da Capa: Mimetismo. Por: Brenda Bazante.

Design e Diagramação: Érika Jardim

Hospedagem da Revista Eletrônica: Portal de Periódicos da UFPE
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/CARTEMA>

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos e videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial em qualquer sistema de processamento de dados e a inclusão de qualquer parte da obra em qualquer programa juscibernético. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração.



Revista do Programa de Pós-graduação
em Artes Visuais UFPE-UFPA
N.8, 2020

Editorial

Feminismos Plurais e Dissidentes

Mulheres negras, brancas, trans, cis e outras vivem e viveram lutando contra machismos, misoginias, racismos em relação a elas, seus filhos e filhas, luta que não tem fim. Dissidentes por sua natureza contrária à normatividade e uma sociedade formatada no masculino. Hoje, com a pandemia do Covid 19, o feminicídio se tornou ainda mais intenso nas casas das famílias que se encontram em isolamento social. O índice de feminicídio aumentou muito com a relação aproximada entre os casais, as máscaras caem, a angústia de estar tão próximo e em tempo indefinido, a tensão ocorre. Precisamos falar sobre isso... Como os homens são educados? Como as mulheres são educadas? Nós não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres, como diz Simone de Beauvoir, portanto a sociedade pode se tornar feminista.

Ao longo da história, mulheres se rebelaram e se rebelam, até os dias de hoje, contra sua condição de submissão lutando por liberdade, a partir de suas trincheiras. Nesse caminhar, no ocidente e em países ocidentalizados, como o Brasil, a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século 19 quando as mulheres, inicialmente na Inglaterra, partiram para a luta por seus direitos, entre eles o de votar. Este feminismo inicial, tanto na Europa, nos Estados Unidos como no Brasil, perdeu força a partir da década de 1930 e só aparecerá novamente, com importância, na década de 1960 como a segunda onda feminista que aborda, principalmente, o corpo feminino e suas fronteiras. Simone de Beauvoir escreve “O Segundo Sexo” que renova o pensamento feminista com a dessacralização da maternidade. As mulheres apoiadas por diversos conhecimentos e estudos na antropologia, sociologia, história e psicologia analisam então o patriarcado como um sistema estrutural de opressão masculina.

Desconstruir esse sistema tornou-se o objetivo. O feminismo negro emergiu ao mesmo tempo denunciando uma opressão de raça, de classe e de sexo: as dimensões da exclusão social.

Um grupo de mulheres tornou-se feminista nos anos 1980: mulheres lésbicas, negras, prostitutas ou deficientes. Saídas da filosofia e sociologia da desconstrução o feminismo pós-moderno ressalta as diferenças de gêneros e sexualidades. Judith Butler, a figura de proa deste pensamento recusa toda identidade estável articulando a luta em torno das diferentes experiências de opressão. A proposta da decolonialidade em relação aos estudos de gênero seguida da pergunta

“Os subalternos podem falar?” questionam a subserviência cultural de um gênero ao outro e está presente nesse caminhar por voz e ação.

Os escritos sobre os feminismos oferecem horizontalidade e pluralidade para uma abordagem textual contribuindo para a criação de estudos transversais à historiografia das artes visuais, oficial, que tem sido tecida, por tanto tempo, pelos homens brancos. Se, anteriormente, a subversão historiográfica pautava-se na tentativa de desconstrução do cânone masculino, hoje pauta-se em sua diversificação. Torna-se incabível a tentativa de fundir tantas vozes e lutas em um discurso único e homogêneo, capaz de representar a existência das muitas mulheres.

Por ser uma prática profundamente ligada às demais esferas sociais, às humanidades, a arte é capaz de traduzir e comunicar uma série de experiências que dizem respeito à vida coletiva. Ao valorizar o sensível e as subjetividades, a arte torna possível lançar um olhar mais libertário para o cotidiano, (re)significar a experiência em relação ao outro, dar espaço para o criativo, surpreendente e diferente, resgatar modos de pensar, agir, de se relacionar. A arte nos proporciona a possibilidade de vivenciar a diversidade e extirpar visões estereotipadas. Podemos, por meio dela, incorporar a pluralidade, com suas diversas formas de construir e reconstruir o mundo. A prática artística decolonial, que opta pela ação política, traz em si a discutida concepção de utopia. A utopia permite outro lugar, ela quer outro lugar. Ela reflete um questionamento crítico da ordem existente e abriga a ideia de outro território humano possível, o das pluralidades, das horizontalidades, do respeito ao outro, seja esse outro ou outra quem for.

A sala de aula na formação de professores e professoras de artes e na formação profissional de artes, design, no campo formal ou não-formal desse ensino, são espaços possíveis para uma mudança social, necessária para uma sociedade menos violenta, mais democrática, transformando o imaginário cultural das nossas sociedades. Mudando, assim o comportamento humano trazendo uma ação democrática e paritária na qual mulheres negras, brancas, trans, cis ou qualquer outro gênero respeitando as diferenças e as performatividades sociais de qualquer pessoa.

Acompanhando essa trajetória de transformações do pensamento feminista, buscamos nesse dossiê falar através das artes visuais e seu ensino, sobre temas como: feminismos plurais; feminismo negro, feminismo decolonial; transfeminismo; artistas conjugados no feminino; o corpo e suas linguagens; artes visuais e resistências feministas; história da arte e memória feminina.

MADALENA ZACCARA

MARIA DAS VITÓRIAS NEGREIROS DO AMARAL

MARIA EMILIA SARDELICH



Editorial

Plural and dissident feminisms

Black, white, trans, cis and other women have been fighting against males, misogynies, racism against them, their sons and daughters, a struggle that has no end. Dissidents for their nature contrary to normativity and a society shaped into masculinity. Nowadays, with a Covid 19 pandemic, femicide has become even more intense in the homes of families who are separated in social isolation. The rate of femicide has increased a lot with a close relationship between couples, as masks fall off, an anguish of being the next one and in an indefinite time, a tension occurs. We need to talk about it ... How are men educated? How are women educated? We are not born women, we become women, as Simone de Beauvoir says, so society can become feminist.

Throughout history, women have rebelled and rebelled, up to the present day, against their condition of submission, fighting for freedom, from their trenches. In this way, no West and Western countries, like Brazil, the first wave of feminism occurred from the last decades of the 19th century, when women, initiated in England, left for a fight for their rights, among them or to vote. This early feminism, both in Europe, in the United States and in Brazil, lost strength from the 1930s and returned to make an impact, with importance, in the 1960s as the second feminist wave that mainly addresses the female body and its borders. Simone de Beauvoir writes “The Second Sex” that renews feminist thinking with the desecration of motherhood. As women supported by various studies and studies of anthropology, sociology, history and psychology, then, patriarchy as a structural system of male oppression. Deconstructing this system has become the goal. Black feminism emerged at the same time denouncing an oppression of race, class and sex: as dimensions of social exclusion.

A group of women became feminists in the 1980s: lesbian, black, prostitute or disabled women. Paths within from philosophy and sociology of postmodern deconstruction or feminism pinpoints gender and sexuality differences. Judith Butler, a leading figure in this thought, rejects any stable identity, articulating a struggle around different experiences of oppression. A proposal for decoloniality in relation to gender studies followed by the question “Can subordinates speak?” they question the cultural subservience of one gender to the other and are on this

path by voice and action.

The writings on feminisms offer horizontality and plurality for a textual approach, contributing to the creation of studies transversal to the historiography of visual arts, official, which has been woven, for so long, by white men. If, previously, historiographical subversion was based on an attempt to deconstruct the male canon, today it is based on its diversification. The attempt to merge so many voices and struggles into a single and homogeneous discourse, capable of representing the existence of many women, becomes unavoidable.

Because it is a practice deeply linked to the other social spheres, to the humanities, art is capable of translating and communicating a series of experiences that concern collective life. By valuing the sensitive and subjectivities, art makes it possible to take a more libertarian look at daily life, (re) signify the experience in relation to the other, to make room for the creative, surprising and different, to rescue ways of thinking, acting, to relate. Art provides us with the possibility to experience diversity and eliminate stereotyped visions. Through it, we can incorporate plurality, with its different ways of building and reconstructing the world. Decolonial artistic practice, which opts for political action, brings with it the discussed conception of utopia. Utopia allows for another place, it wants another place. It reflects a critical questioning of the existing order and harbors the idea of another possible human territory, that of pluralities, of horizontalities, of respect for the other, whoever that is.

The in training of teachers and art teachers and in the professional training of arts, design, in the formal or non-formal field of this teaching, are possible spaces for social change, necessary for a less violent, more democratic society, transforming the cultural imagery of our societies. Changing human behavior, thus bringing about democratic and equal action in which black, white, trans, cis or any other gender respecting the differences and social performance of any person.

Following this trajectory of transformations in feminist thought, we seek in this dossier to speak through the visual arts and their teaching, on topics such as: plural feminisms; black feminism, decolonial feminism; transfeminism; female artists combined; the body and its languages; visual arts and feminist resistance; art history and female memory in didactics for visual arts; feminisms on the streets; among others.

MADALENA ZACCARA

MARIA DAS VITÓRIAS NEGREIROS DO AMARAL

MARIA EMILIA SARDELICH



Editorial

Feminismos plurales y disidentes

Las mujeres negras, blancas, trans, cis y otras han estado luchando contra hombres, misoginia, racismo contra ellos, sus hijos e hijas, una lucha que no tiene fin. Disidentes por su naturaleza contraria a la normatividad y a una sociedad conformada en masculinidad. Hoy en día, con una pandemia de Covid 19, el feminicidio se ha vuelto aún más intenso en los hogares de familias que están separadas en aislamiento social. La tasa de feminicidio ha aumentado mucho con una estrecha relación entre parejas, ya que las máscaras se caen, la angustia de ser el próximo y en un tiempo indefinido, se produce una tensión. Tenemos que hablar sobre eso ... ¿Cómo se educa a los hombres? ¿Cómo se educa a las mujeres? No somos mujeres nacidas, nos convertimos en mujeres, como dice Simone de Beauvoir, por lo que la sociedad puede volverse feminista.

A lo largo de la historia, las mujeres se han rebelado, hasta el día de hoy, contra su condición de sumisión, luchando por la libertad, desde sus trincheras. De esta manera, en los países occidentales y occidentales, como Brasil, la primera ola de feminismo ocurrió en las últimas décadas del siglo XIX, cuando las mujeres, iniciadas en Inglaterra, salieron a luchar por sus derechos, entre ellas o para votar. Este feminismo temprano, tanto en Europa, en los Estados Unidos como en Brasil, perdió fuerza a partir de la década de 1930 y volvió a tener un impacto, con importancia, en la década de 1960 como la segunda ola feminista que se dirige principalmente al cuerpo femenino y sus fronteras. Simone de Beauvoir escribe “El segundo sexo” que renueva el pensamiento feminista con la profanación de la maternidad. Como mujeres apoyadas por diversos estudios y estudios de antropología, sociología, historia y psicología, entonces, el patriarcado como sistema estructural de opresión masculina. Deconstruir este sistema se ha convertido en el objetivo. El feminismo negro surgió al mismo tiempo denunciando una opresión de raza, clase y sexo: como dimensiones de exclusión social.

Un grupo de mujeres se convirtió en feministas en la década de 1980: mujeres lesbianas, negras, prostitutas o discapacitadas. Los caminos internos desde la filosofía y la sociología de la deconstrucción posmoderna o el feminismo señalan las diferencias de género y sexualidad. Judith Butler, una figura destacada en este pensamiento, rechaza cualquier identidad estable, articulando una lucha en torno a diferentes experiencias de opresión. Una propuesta de descolonialidad en relación con los estudios de género seguida de la pregunta “¿Pueden hablar los

subordinados?” cuestionan la subordinación cultural de un género a otro y están en este camino por voz y acción.

Los escritos sobre feminismos ofrecen horizontalidad y pluralidad para un enfoque textual, contribuyendo a la creación de estudios transversales a la historiografía de artes visuales, oficial, que ha sido tejida, durante tanto tiempo, por hombres blancos. Si anteriormente, la subversión historiográfica se basaba en un intento de deconstruir el canon masculino, hoy se basa en su diversificación. El intento de fusionar tantas voces y luchas en un discurso único y homogéneo, capaz de representar la existencia de muchas mujeres, se vuelve inevitable.

Como es una práctica profundamente vinculada a las otras esferas sociales, a las humanidades, el arte es capaz de traducir y comunicar una serie de experiencias que conciernen a la vida colectiva. Al valorar lo sensible y las subjetividades, el arte hace posible una mirada más libertaria a la vida cotidiana, (re) significa la experiencia en relación con el otro, para dejar espacio a lo creativo, sorprendente y diferente, para rescatar formas de pensar, actuar, informar ... El arte nos brinda la posibilidad de experimentar diversidad y eliminar visiones estereotipadas. A través de él, podemos incorporar la pluralidad, con sus diferentes formas de construir y reconstruir el mundo. La práctica artística descolonial, que opta por la acción política, trae consigo la concepción discutida de la utopía. La utopía permite otro lugar, quiere otro lugar. Refleja un cuestionamiento crítico del orden existente y alberga la idea de otro posible territorio humano, el de la pluralidad, la horizontalidad, el respeto por el otro, sea quien sea.

La formación de docentes y profesores de arte y la formación profesional de las artes, el diseño, en el campo formal o no formal de esta enseñanza, son espacios posibles para el cambio social, necesarios para una sociedad menos violenta, más democrática, que transforma la cultura imagería de nuestras sociedades. Cambiando el comportamiento humano, provocando una acción democrática e igualitaria en la que los negros, blancos, trans, cis o cualquier otro género respeten las diferencias y el desempeño social de cualquier persona.

Siguiendo esta trayectoria de transformaciones en el pensamiento feminista, buscamos en este dossier hablar a través de las artes visuales y su enseñanza, sobre temas como: feminismos plurales; feminismo negro, feminismo decolonial; transfeminismo; artistas femeninas combinadas; el cuerpo y sus lenguajes; artes visuales y resistencia feminista; historia del arte y memoria femenina en didáctica para artes visuales; feminismos en las calles; entre otros.

MADALENA ZACCARA

MARIA DAS VITÓRIAS NEGREIROS DO AMARAL

MARIA EMILIA SARDELICH

